

INDIOS DO BRASIL

RAIMUNDO MORAIS

(da Societê des Américanistes de Paris)

Lima Figueirêdo é uma das mais expressivas mentalidades nacionais. Suas obras, através de multiplos setores literários, revelam um espírito dinamico, capaz de agitar, entre mil aspectos do cenário patricio, naquilo que se prende aos fatos intelectivos, cousas novas e belas.

“INDIOS DO BRASIL”, seu ultimo livro, fala mais alto do que o melhor argumento verbal, de tal maneira êsse trabalho consigna a multidão de tribus aborigenes que povoam o Brasil. Se bem não seja o illustre oficial do nosso Exército especialista na matéria, conhecendo a etnologia e a antropologia por entre motivos impressionistas de quem vê, distingue e analisa o indio, alheio a doutrinas preconcebidas, seu balanço, numa visada retrospectiva, é magnifico, embora divirja às vezes dos técnicos no assunto.

O público, entretanto, dentro de cuja massa se inclue a maioria dos leitores, prefere sempre a análise pessoal, surpreendida, num quadro realista, às generalizações algo metafisicas de teorias maos ou menos caducas. E’ o que faz o festejado militar. Enquanto cumpre ordens profisionais, peregrinando pelos Estados, fronteiras, mesopotamias e hinterlandias, constata igualmente os aspectos humanos e teluricos. As malócas e as regiões, os costumes ameríndios e as respectivas consequências, incidindo-lhe na menina dos olhos, esterotipam-se-lhe tambem nas páginas dum diario. Assim se levantam suas lindas memórias. São todas vistas, flagrantes e positivas, com a circunstancia proveitosa de trazerem muitas vezes na linha somática dos tipos, a psicologia das hordas que o instinto e a visão subjetiva do publicista surpreendem no contacto doméstico, religioso e guerreiro. Povos que mais e mais se isolam da civilização, tão barbara quanto adiantada se julga, reclamam dos ensaistas a maxima justiça.

E’ precisamente desses variados esquemas selvagens, curiosos e pitorescos pela diferença com que se distinguem do arrogante invasor, que este notável critico das raças brasilicas corresponde

à expectativa geral. Tudo que se dissér a respeito da colorida documentação com que Lima Figueirêdo nos sacóde neste bizarro volume é pouco, se lhe levarmos em conta exatamente a falta de tempo para observações mais profundas e científicas. Daí esse tom de grande reportagem que êle infunde aos capitulos cheios de clans e tribus do Novo Mundo. Daí esse ar vivo da figura amerindia no seu "habitat". Daí, em sùma, a beleza de seus quadros bravios de gente inculta que arrasta na colada pacífica saltadores mais crueis, crismados humoristicamente com títulos de primorosos catequisadores.

Levantando esses pontos de vista decorrentes de observações diréctas, Lima Figueirêdo consegue, no meio da exaustiva multiplicidade de monógrafos de aborígenes, interessar o leitor, obrigando-o a acompanhá-lo, a apoiá-lo, a exortá-lo nessa perene contribuição ás origens do nosso arquiavô selvagem. Isso, embora, leve o manuseador de suas obras a discordar deste ou daquele fato, o que representa, aliás, um sintoma do interesse que nos despertam os seus comentários e raciocínios.

Depois das abundantísimas dissertações de caráter etnográfico, lançadas em nossa pátria, não é fácil impressionar os técnicos na matéria, e, muito menos, a corrente anônima que representa a porcentagem que lê. Entretanto, o magnífico romancador de lendas autoctones que é Lima Figueirêdo, versado no folclore e na geografia, nos lindes orogénicos e nas extremas fronteiras, alcança esse intuito com agil equilíbrio.

O melhor atestado, porém, da força etnológica de Lima Figueirêdo, fornece-lhe o grande general Candido Rondon no erudito Prefácio com que abre o texto de "ÍNDIOS DO BRASIL". Depois de recapitular vários povos do continente americano, o insigne sertanista de nossas terras dá uma larga prova dos conhecimentos ameríndios de Lima Figueirêdo. Para isso analisa, num surto ilustrativo, os primeiros selvagens vistos pela argúcia de Pero Vaz de Caminha, a quem intitula, num sacerdocio flagrante da verdade, de escrivão nomeado para a feitoria de Galicut, e não cscrivão da Armada de Cabral, consoante afirmam inescrupulosos letrados tidos e havidos como personalidades de penacho.

Rondon, todavia, com o seu irrefragável pendor para a verdade, vai além, e exhibe um atestado do caráter de Lima Figuei-

rêdo que muito deve ter comovido o distinto oficial. Fechando estas linhas, incorporo-me ao seio do público que entrevê no aplaudido oficial do nosso Exército que acaba de publicar tão lindo livro, uma figura de prol na literatura nacional, enfim, que não honra sómente as fileiras militares em que evolue, mas, e, sobretudo, a vasta família intelectual do Brasil.

A DEFESA NACIONAL

Conselho de Administração: — Renato Batista Nunes, Tristão de Alencar Araripe, Otávio da Silva Paranhos, Jair Dantas Ribeiro, Everaldino Alceste da Fonseca e João Dias Campos Junior.